

## QUINTA EXPOSIÇÃO INFANTIL

1 dezembro de 1956

carl os

d r u m m o n d

d e

a n d r a d e

No barracão do Museu de Arte Moderna, onde as produções infantis aguardavam o momento de exposição, perguntei ao professor Ivan Serpa que pensamento o guiava no trato com os alunos, e ele me respondeu: "Desejo vê-los felizes".

Assim, com simplicidade, exprimia o alvo a que devem pretender todas as atividades educativas, e que elas, por mau jeito, não alcançam quase nunca. Nossa escola aspira a preparar a criança para a vida, mas lhe retira poderosos estímulos vitais que a criança, em sua inocência desarmada, lhe confia. A máquina de nivelar, que são as classes numerosas, funcionando em turnos contínuos e horários de pressa, com deficiência ou impropriedade de material didático, permanece fiel a padrões disciplinares que, mesmo não observados, projetam sobre as consciências sua sombra cinzenta e sua rede de inibições. Ela nos mostra zombateiramente como os princípios da "escola ativa" (e ouvimos falar neles há trinta anos!) podem penetrar a mentalidade de uma época sem, contudo, alterar o estado de coisas vigentes. Como denuncia, com pequeno mas perdoável exagero, o uruguaio Jesualdo, esse irriquieta, é uma escola que nem transmite conhecimentos nem desentranha a personalidade infantil. Personalidade no fundo da qual um

são convidados a contemplar com olhos desprevidos esta su  
cessão de pintores de 4 a 14 anos, que apenas vislumbram  
a pintura mas a vivem e praticam como forma, entre tantas  
outras, de linguagem cotidiana, expressão de conteúdos psi  
quicos, desaguadouro de impressões concentradas no mais pu  
ro e refochado de cada um.

Por cima do desenho básico, as côres relume  
antes, tão de agrado dêste povinho, ora valendo como simples  
recurso ornamental, ora constituindo elemento integrante do  
objeto figurado, ora servindo simultaneamente a êsse duplo  
fim, dão idéia do que são nossas crianças de hoje, tão pa  
recidas com as de todos os tempos em todos os países ( " a  
arte infantil não chega a assumir, em parte alguma do mun  
do, caráter nacional" : Herbert Read), e ao mesmo tempo tão  
diferentes de quaisquer outras, e mesmo umas das outras, e  
até cada uma de si mesma, em dois flagrantes sucessivos. Pois  
cada boneco esboçado por uma criança no mundo inaugura um  
novo mundo dentro do existente, e não há filosofias ou psi  
cologias pragmatistas que logrem reduzir a esquemas fixos  
os processos criadores e renovadores da infância, tornan  
do-os simples reações à provocação de influxos externos.

No meio dêsses garotos e garotas que se di  
vertem distribuindo formas ao sabor de sua imaginação, e  
que explicam a seu modo o significado de cada pintura, não  
nos preocupemos em pressentir o futuro artista que abalará  
a sensibilidade geral e incorporará novas estruturas e con  
teúdos afetivos aos do repertório plástico de hoje. Não é  
êste o objeto do curso de arte espontânea: fabricar um

abc artístico, serão assimilados pela escola primária e pelo ginásio, que assim se enriquecerão e humanizarão com proveito para o aprendizado geral.

Deixar a criança abrir por si mesma o caminho que a levará a exprimir seu conceito plástico do mundo e, até, a revelar-nos alguns de seus enigmáticos tesouros, eis o pequeno-grande segredo de professores como Augusto Rodrigues e Ivan Serpa, na trilha, aliás, de Claparède, que parece ter sido o primeiro a dar carta de alforria ao desenho infantil, ao mandar meninos de Genebra, em 1906, rabiscar o que bem entendessem, quando não estivessem cansados, enervados ou desejosos de outra ocupação. Agindo dessa maneira, isto é, deixando de agir, o adulto mais atilado sente que não está pròpriamente concedendo uma permissão à criança; está é impondo a si mesmo uma proibição, pois lhe é muito difícil não identificar sua personalidade com a do filho ou aluno, para recomeçar, com a alma e os dedos do outro, a aventura gráfica malograda de seus verdes anos.

Fruto dessa atitude que exige humildade, paciência, tato, amorosa dedicação simulada em desinterêsse, e intuição do espírito infantil em seus matizes ainda imperfeitamente classificados pela ciência (mal começamos a definir a estrutura do mundo mental da criança, advertem-nos os manuais de psicologia), é a V Exposição de Pintura de Crianças, que o Museu de Arte Moderna apresenta ao público. Recolhe-se a safra de 1956, e com ela se propõe um valioso material à apreciação de educadores e pais. Todos

negativos da escola costumeira, - quando procura orientar o aluno para a reprodução ordenada de formas da natureza ou lhe impõe prematuramente uma abstração geométrica em oposição ao seu inato realismo, tão típico e delicado. As influências sociais, familiares e de toda sorte - rua, cinema, esporte, eletrônica - já são tão sensíveis na vida psíquica da criança que se torna, não apenas redundante, mas agressiva, a intervenção direta do adulto na largada e no desenvolvimento da aventura gráfica infantil. Com o mesmo espírito com que lhe ministram matemática, geografia, noções morais e cívicas, querem dar-lhe visão adulta da natureza, movimentos maduros, espírito crítico maduro; buscam dirigir-lhe a imaginação e substituir-lhe o dom poético em estado de graça, por uma espécie de fantasia racional, melancólico testemunho de como, na maioria das "pessoas grandes", o sentimento da infância, que deveria ser uma riqueza para toda a vida, não somente se perdeu, mas o que é pior, mergulhou em esquecimento.

A essa ameaça da escola ao tranquilo desenvolvimento de valores essenciais da personalidade, procura remediar o que poderíamos chamar de "anti-escola", não porque a anime intuito polêmico (longe disso), mas porque serve de antídoto à descaracterização promovida pela outra, ao preservar a fina substância individual que a pedagogia, aplicada em grosso, não leva em conta. Dia virá, e que não tarde até os filhos de nossos netos, em que os métodos de livre criação, e de projeção da experiência vivida, postos em prática pelos cursos não oficiais de

criador, desconhecido de si mesmo, aguarda ser descoberto, e raramente o é, quando não o é para ser aniquilado pela incompreensão ou pela rotina.

Os modernos cursos de iniciação artística visam, pois, à felicidade dos garotos através da expressão plástica, e isso porque seus organizadores têm em mira essa alegria sentida pela criança ao adquirir consciência de sua faculdade de criação gráfica, elemento que Luquet considera fundamental na estética infantil. O prazer de traçar uma linha, tão natural como o prazer de saltar, nadar, desmontar um objeto, já constitui um primeiro convite ao desenho; e essa forma de jogo é tão mais fácil de exercitar quanto, como já se observou, ela prescinde de parceiro, e prolonga o brinquedo para além dos limites da solidão. Dêsse prazer muscular nascerá outro, quando já quase consumada a evolução: a alegria mais profunda de estabelecer uma relação intelectual entre o objeto e sua re- apresentação, de convertê-lo em "cosa mentale" e fazê-lo passar, através de econômicas, divertidas ou patéticas al- terações, à superfície do papel ou da tela, onde a criança põe, mais do que aquilo que seus olhos vêem, aquilo que seu universo íntimo contém.

Mas a satisfação de recriar o mundo pela i- magem há de ser espontânea, sob pena de não produzir-se e, mesmo, degenerar em tediosa e aflita obrigação. Não pode a criança substituir seus "modelos internos" pelos modelos que o adulto lhe quer oferecer com uma boa vontade fértil em maus resultados. E nisso consiste um dos aspectos mais

Mas, por outro lado, tem ele o condão de impedir que o eventual artista deixe de realizar-se a seu tempo por um inadequado convívio com os meios de expressão plástica oferecidos a todos os homens, tanto normais como excepcionais. Quanto mais não seja, ao sair desta escola que não lhe propõe uma ordem, mas lhe sugere uma liberação de bens naturais, o adolescente adquiriu meios de participar da beatitude de contemplação artística, penetrou no segredo (público e tão escondido!) das realidades entre espaço, forma e cor, - em suma: aprendeu a ver, ciência difícil. É a lição de Lúcio Costa, ao recomendar uma educação artística "entendida não com propósito de requinte cultural, mas como o pão e o vinho eram para os antigos, ou seja, visando, atender às necessidades humanas primárias e fundamentais".

Guardemo-nos de atitudes imutáveis diante destes meninos. Não lhes peçamos mais do que aquilo que podem dar-nos; não nos extasiemos diante do que fizeram por acaso ou, mesmo, por graciosa inabilidade, comprometendo assim a modesta auto-avaliação de seus autores. Particularmente, fugir às litâneas da admiração doméstica em face da primeira garatuja... A figura humana reproduzida simultaneamente de face e de perfil não é positivamente um Picasso 1937, que a ela atingiu por um requinte de especulação e reelaboração, mas sinal de que a criança passa de uma fase inicial de realismo para outra mais complexa, e hesitando em renunciar ao conhecimento anterior, superpõe um a outro. Picasso e o menino se encontram - mas com a arte no meio, ponte e ao mesmo tempo rio a separá-los. Outro meni

menino esboça um cavaleiro de perfil, com ambas as pernas visíveis: a transparência é uma fase elementar na evolução do desenho infantil, um índice de visão inesperta, e contudo também realista, que não quer abrir mão do conhecimento físico adquirido: se o ser humano tem duas pernas, é preciso representá-las num trabalho sincero. Não se veja humor ou fantasia, mas um dado do florescimento psíquico.

Por outro lado, não recusemos à criança aquilo que ela tem e às vezes esconde; não amesquinhemos a significação de seus trabalhos nem os confundamos com produtos da mentalidade primitiva. A criação infantil só tem significação se avaliada em sua dimensão própria - e então alegrias, inquietações, vôos de obscuro lirismo, punções, tudo que povoa a alma surpresa e surpreendente, em sua descoberta da terra e dos homens, se entremostra e confere grandeza própria ao que parecia mero exercício canhestro.

Já foi suficientemente refutada a concepção de Lamprecht, que, partindo de suposta identidade entre o desenvolvimento das espécies e o dos selvagens e à dos homens pré-históricos. No album de Koch-Grunberg sobre índios brasileiros, observadores encontraram desenhos muito parecidos com o de meninos europeus, com os mesmos enganos de representação. Mas não foi esclarecido se tais desenhos eram típicos da atividade gráfica indígena, e pode bem ser, como observa Georges Rouma, que em sua aparência tosca indicassem antes elementos excepcionais da tribo. Quanto

aos criadores do paleolítico, a comparação, de tão honrosa, seria insustentável para a criança: qual o artista civilizado de hoje que não daria tudo por atingir ao extremo requinte e beleza de uma pintura parietal madaleniana, em que duas renas se entestam numa admirável estrutura rítmica?

Socorrendo-nos de verdades provisórias de psicologia e antropologia cultural, chegaremos a entender um pouco a linguagem das manifestações plásticas da criança que já fomos e de que perdemos consciência. Um pouco. O resto será invenção de amor, esse mestre da boa vontade, embora corramos sempre o risco de ver o que não existe e de omitir o que está claro. Não importa. A força de contemplar, observar e permitir o livre curso de aventura mental e manual, acabará o adulto por compreender o que lhe dizem as crianças. Isso o reintegra em suas fundações, e talvez o habilite a tornar menos dura a vida dos pequenos, inclusive os felizes.

Não são pintores, não são poetas estes meninos: são meninos, o que é muito mais misterioso, por absurdo que pareça - e também muito mais delicioso.